



CIDADE DOS CONTRASTES

Santos é a 6ª cidade brasileira em qualidade de vida, pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Mas a alta média do IDH santista esconde profundas desigualdades sociais

Uma cidade boa é uma cidade boa para todos. Embora na média Santos ostente um dos melhores índices de qualidade de vida do País, a desigualdade social entre sua gente ainda é uma chaga aberta que só fez aumentar nos últimos 25 anos.

Matéria publicada em *A Tribuna*, no dia 12 de julho de 2015, mostrava que o índice de Gini, método utilizado pela ONU, que calcula a concentração de renda, parâmetro da desigualdade, recrudescera na Cidade: em 1991, era de 0,52; em 2010, estava em 0,55 (quanto mais próximo de 1, maior a desigualdade). No mesmo período, o índice do Brasil melhorou: de 0,58 em 1991, estava em 0,54 em 2010.

"Quando se fala em desigualdade social, na verdade são várias desigualdades: política, racial, econômica... todas misturadas e uma vai puxando a outra", analisa o economista José Pascoal Vaz, professor da UniSantos.

Dentre o que é possível fazer para reduzir a desigualdade estão principalmente os programas sociais de transferência de renda e os de estímulo ao acesso ao ensino universitário. Vaz prega ainda um direcionamento do mercado, por parte dos governos.

"O mercado dá conta das necessidades e ofertas, sem que haja um planejamento, ele é fantástico por isso. Esse sistema funciona maravilhosamente bem, mas em uma sociedade



Foto: RINGIO/SHUTTERSTOCK



Foto: SON BARRAÇA/JARQUINO A TRIBUNA

O ótimo e o péssimo: qualidade de vida na orla do Boqueirão (esq.) é superior à da Noruega; na Vila Gilda, é pior do que na Síria em guerra civil

de renda muito bem distribuída, pois onde se coloca o dinheiro? Onde dá lucro. E onde dá lucro? Onde tem demanda? Na renda onde tem demanda? Na renda concentrada. Por isso, não há quem invista em hospitais para as classes pobres, porque elas não têm como pagar".

Aí entra o Poder Público: para corrigir as disparidades. No caso dos municípios como Santos, a possibilidade de se regular mercados é mais restrita. A eles cabe direcionar investimentos para as classes menos favorecidas, seja em Transporte, Saúde e, sobretudo, na Educação Básica.

FALTA DE ACESSO

"A educação é o único meio que coloca as pessoas em igualdade de condições. A pessoa assim terá acesso a informação e cultura, e acaba por conhecer os

seus direitos, onde buscar o que necessita", afirma a socióloga Jacqueline Quaresmin, professora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp) e diretora da Opinare Pesquisa.

Para ela, não se pode falar na desigualdade do ponto de vista

FORA DA MÉDIA

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio de Santos é de 0,840 – quanto mais próximo de 1, melhor. Ele coloca a cidade em sexto lugar do País entre as ótimas para se viver, mas esconde uma realidade dura. O IDH da orla do Boqueirão, por exemplo (de 0,956), seria suficiente para colocar a Cidade no topo do mundo de qualidade de vida, já que o IDH da Noruega, país primeiro colocado no ranking, é de "apenas" 0,944. Na outra ponta do mundo santista, a Síria, que há seis anos convive com uma guerra civil, tem IDH de 0,658, maior do que o do Dique da Vila Gilda, por exemplo, com 0,653.

da renda das pessoas, mas da falta de acesso aos bens e direitos da vida. Processo que tende a se aprofundar em cidades com maior potencial de desenvolvimento, como Santos. "Em locais onde há possibilidade de grandes ganhos, a tendência à desigualdade é maior", afirma.

FUNDO

Os 'grandes ganhos' mencionados por Jacqueline, muitas vezes, acabam não sendo aplicados no município. Nesse sentido, Pascoal Vaz tem duas propostas, a de criação de um banco de dados regional – já que não se pode falar em Santos sem mencionar a região – que seja sempre atualizado, com todos os dados e cruzamentos de dados possíveis para identificar as carências e potenciais; e a criação de um fundo de investimento regional.

"Muita gente daqui investe fora da Cidade, na bolsa etc. Um fundo criaria poupança e recursos para a região. O lucro de quem investisse viria da concretização de projetos rentáveis, revertidos para as cidades. A administração disso, claro, deveria ser profissional, com controle social, e não atender a interesses políticos".

DESCONFIANÇA

"A desigualdade afeta demais a confiança entre as pessoas e, assim, desintegra a solidariedade. Um país, uma região, uma cidade, têm imensas dificuldades em se organizar e produzir"



José Pascoal Vaz, economista, professor da UniSantos

FALTA DE ACESSO

"Não é possível falar de desigualdade só a partir da renda. O que se tem que discutir é a desigualdade na amplitude do conceito: da falta de acesso aos bens da vida"



Jacqueline Quaresmin, socióloga